

PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE COMPLEXO MILITAR-INDUSTRIAL: ANÁLISE COMPARADA DOS CASOS DE REINO UNIDO, EUA E CHINA



Autor: Luana J. Arosteguy da Rosa (Graduanda de Relações Internacionais / Iniciação Científica Voluntária)

Orientador: José Miguel Quedi Martins (UFRGS)

OBJETIVOS

Este trabalho tem o objetivo de identificar a existência de uma correlação entre (a) Base Industrial de Defesa (BID), (b) estratégia de desenvolvimento socioeconômico e (c) inserção internacional, sendo estas as principais variáveis do trabalho. Para isso, realiza-se três estudos de caso: Inglaterra – final do século XIX e início do XX; Estados Unidos – no pós-Crise de 29; e China – a partir da abertura conduzida por Deng. Em cada caso, busca-se responder como os gastos em defesa impactaram (i) índices econômicos; (ii) aquisição de tecnologias, tendo como referencial empírico as indústrias naval e aeroespacial; e (iii) qual o impacto do desenvolvimento e da modernização militar na inserção de cada país no sistema internacional nos períodos analisados. Ao final, a comparação do encadeamento que se observa entre as variáveis analisadas em cada caso permitirá extrair assunções gerais que figuram como conclusão preliminar na pesquisa.

HIPÓTESES

Para responder ao problema que orienta essa pesquisa, trabalha-se com três hipóteses. Acredita-se que, ainda que com diferenças significativas, nos três casos analisados (1) a indústria de defesa foi instrumento de aplicação de políticas ligadas à estratégia de desenvolvimento socioeconômico; (2) através dos gastos em defesa, foi possível a obtenção do que Celso Furtado chamou de Centros de Decisão Econômica; e (3) a modernização militar integrada à estratégia de desenvolvimento serviu para manter (Inglaterra), ampliar (EUA) ou projetar (China) a inserção internacional de cada país nos períodos estudados.

DESENVOLVIMENTO

O Caso do Reino Unido: Entre os anos 1850 e 1870, a Inglaterra passaria por uma fase de declínio de sua posição estratégica. A recuperação da posição do Reino Unido iniciaria com os esforços do Capitão John Fisher, que passaria a defender a possibilidade de superar a depressão pela qual passava a economia, gerando empregos ao construir os navios necessários à manutenção da superioridade naval britânica. Entre 1880 e 1914, a tonagem de navios do Reino Unido passaria de 650 mil para 2,7 milhões (KENNEDY, 1989). O navio HMS Dreadnought (1906) ultrapassaria, em termos tecnológicos, todos os navios de guerra até então existentes, além de ter representado a recuperação da indústria siderúrgica, importante Centro de Decisão Econômica (conceito de Celso Furtado) na Segunda Revolução Industrial. Estimativas apontam que em 1913 cerca de um sexto da força de trabalho britânica tinha empregos dependendo dos contratos da indústria naval (MCNEILL, 1982).

O Caso dos EUA: A origem da BID estadunidense remonta ao período pós-Crise de 29. Em 1933, os EUA possuíam um índice de desemprego que atingia 25%. Roosevelt concluiu que a razão da crise fora um desequilíbrio entre a capacidade de consumo e a capacidade de produção da economia. Sua proposta de recuperação passava pelo aumento da intervenção do Estado, sendo o New Deal o maior emblema dessa nova base de condução da economia capitalista (LIMONCIC, 2009; KENNEDY, 1989). Essas medidas, entretanto, não pareciam suficientes para reanimar a economia estadunidense, severamente subutilizada. O papel dos gastos em defesa, evidenciar-se-ia ao final da década de 1930. Entre 1937-38, a produção de aviões quase dobrou e foi aprovada a Lei da “Primeira Marinha”, para expandir a esquadra estadunidense. Em 1940, programas de rearmamento passam a ser perseguidos devido à eclosão da Segunda Guerra. Uma autorização para duplicação da frota marítima, um plano da Força Aérea para construção de 7800 aviões de combate e o estabelecimento de um exército de 1 milhão de homens seriam grandes estímulos e levariam a economia ao pleno emprego em menos de dois anos (KENNEDY, 1989). A construção do B-29 Superfortress evidencia as inovações tecnológicas promovidas pelo setor de defesa, com o desenvolvimento de motores de alta performance e sistemas de radares. Em 1943, a produção relacionada à defesa representava 40% do PIB estadunidense (MILWARD, 1979).

O Caso da China: A condução da abertura da China por Deng Xiaoping relegou um papel fundamental ao Exército de Libertação Popular (ELP). O envolvimento do ELP em atividades produtivas passa a se inserir em uma lógica de mercado. Além de os lucros gerados estimularem o aumento da renda nacional, eles financiariam a modernização das Forças limitando a oneração do Estado. Essa lógica mudaria em 1998, quando as empresas que pertenciam ao ELP, inclusive do setor de defesa, são desligadas das unidades, tornando-se empresas estatais ou ligadas aos governos locais. Os anos 2000, marcados pelas altas taxas de crescimento do PIB, se iniciam com essa nova configuração da BID, que passaria a ter um aumento sistemático de investimentos. Entre 1997 e 2003, investimentos no setor cresceram 153%.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Até o momento, o estudo dos casos escolhidos permitiu verificar que as hipóteses do trabalho se confirmam. Desse modo, conclui-se preliminarmente que, apesar das particularidades e diferenças entre os casos, há uma semelhança que diz respeito à utilização da indústria de defesa como instrumento de aplicação de políticas ligadas à estratégia de desenvolvimento socioeconômico. Percebe-se que, através dos gastos em defesa, buscou-se adquirir tecnologias importantes para cada época, que estavam diretamente ligadas a modernização e reativação das economias de cada país, além da geração de empregos e renda. Desse modo, nos três casos pode-se dizer que a busca pela modernização militar esteve integrada à estratégia de desenvolvimento, e por isso serviu para manter (Inglaterra), ampliar (EUA) ou projetar (China) a inserção internacional de cada país nos períodos estudados.

REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni. O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.
KENNEDY, Paul. Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
LIMONCIC, Flávio. Os Inventores do New Deal: Estado e sindicato no combate à Grande Depressão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
MCNEILL, William H. The Pursuit of Power: Technology, Armed Force and Society since A.D. 1000. Chicago: University Of Chicago Press, 1982.
MEDEIROS, Evan S. et al. A New Direction for China's Defense Industry. Santa Monica: Rand Corporation, 2005.
MILWARD, Alan S. War, Economy, and Society: 1939-1945. Berkeley: University of California Press, 1979.
MULVENON, James. Soldiers of Fortune: The Rise and Fall of the Chinese Military-Business Complex, 1978-1998. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2001.

A Grande Estratégia de Beijing enfatizaria então a necessidade de integração civil-militar e a aquisição de tecnologias de uso dual a serem produzidas internamente (MEDEIROS et al., 2005). As tecnologias da microeletrônica, adquiridas para o setor aeroespacial e seu emprego em radares e turbinas a gás para navios, redundam no esforço mais atual de construção de uma Marinha de Águas Azuis. A aquisição de tecnologias de uso dual revela-se na retroalimentação entre os setores aeroespacial, as indústrias petrolíferas, de engenharia química, produção de máquinas, etc., demonstrando a busca pela ligação entre a modernização militar e a modernização do Estado chinês de modo geral. A China reduziu suas importações no setor de defesa em 42% entre 2010 e 2014 e passou ao lugar de 3º maior exportador do mundo.

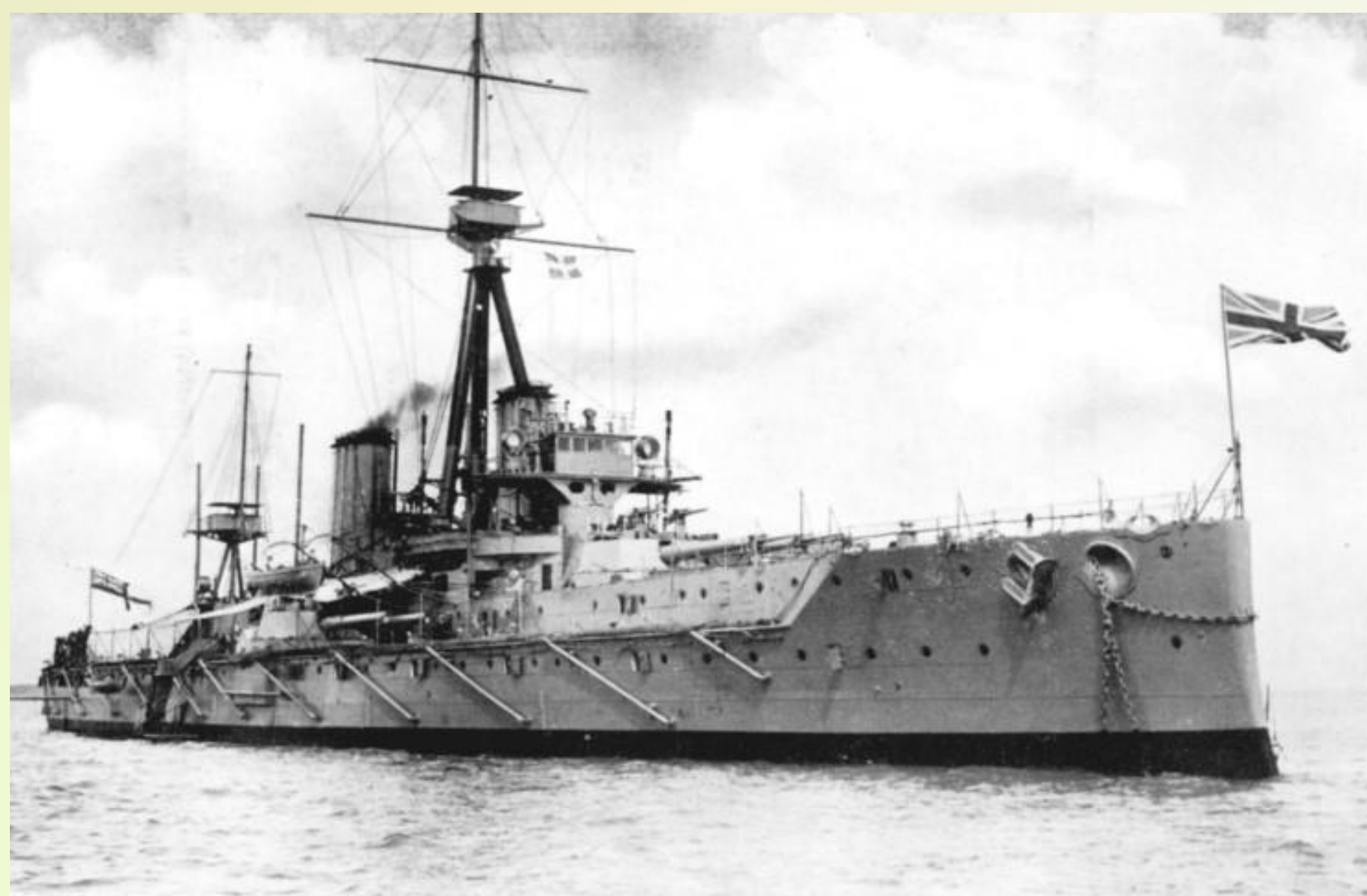


Foto: HMS Dreadnought



Foto: B-29 Superfortress



Foto: China Aerospace Science and Technology Corporation

Contato: lu.a.darosa@gmail.com

Trabalho Exposto no XXVIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS
Porto Alegre, 12 a 16 de Setembro de 2016